

# LITERATURA e LEGITIMAÇÃO

Manuel Ribeiro  
ILC

A primeira questão que esta comunicação coloca tem a ver com o próprio título, "Literatura e legitimação", indeterminado e propício a inúmeros olhares cruzados sobre questões que pode suscitar. Neste caso, interessa-me discutir um dos factores de legitimação em literatura: um conjunto de práticas discursivas empregues por diferentes comunidades de críticos (neste caso estrangeiras) e recorrentes na elaboração e orientação do cânone da literatura portuguesa a nível internacional, com vista à circulação e partilha dum conjunto de valores e convenções literárias que fomentem, eventualmente, a construção dum cânone europeu da literatura.

A análise recaiu sobre um corpus de recensões literárias de autores de literatura portuguesa traduzidos para Francês e Inglês, publicadas em periódicos franceses – *La Quinzaine littéraire* (1991-1994) e *Magazine littéraire* (1990-1994) – e ingleses – *Times Literary Supplement (TLS)* (1994-1997) e *London Review of Books (LRB)* (1991-1997), num total de trinta e uma recensões (em cinco anos) para o panorama francófono e de treze para o anglófono (em sete anos). Se quisermos ser ainda mais precisos, acrescentaremos que nos periódicos franceses foram recenseados dezasseis autores traduzidos e nos ingleses seis. Quem são eles, por quem são recenseados e quais as estratégias discursivas mais significativas na orientação do cânone são factores a que dedicaremos mais atenção adiante.

Várias vertentes de abordagem do fenómeno literário,

>>

em concreto a sociologia da literatura, pela mão de Pierre Bourdieu, e os estudos polissistémicos de Itamar Even-Zohar, cedo se aperceberam das implicações complexas que outras instâncias — editores, agentes de representação, difusores/mediadores, público, — aportam à circulação e valorização das obras literárias, para além das desempenhadas pela crítica literária e tradicionalmente sustentadas pelo binómio obra/leitor. Gradualmente, o enfoque de análise foi sendo des-centrado do objecto literário para o objecto estético (enquanto “obra-coisa”, segundo Mukarovsky), o que acarretou uma maior consideração do poder simbólico e cultural da literatura, da autoridade argumentativa dos críticos na produção de valor dos textos e na relação daqueles com o mercado artístico. Como sustenta Bourdieu (1992), a noção de campo literário, dentro da qual jogam a de crença e a de distinção simbólica, assenta num conjunto de coordenadas históricas e de práticas sociais que se têm afirmado sucessivamente na legitimação de certas categorias de juízos de valor literário com vista a obter uma pretensa ruptura entre o meio social e o meio cultural. Este procedimento permite aos agentes envolvidos, por exemplo os críticos, uma mais fácil consagração da obra literária, e também a sua legitimação perante outros agentes.

Por seu turno, a teoria do polissistema (Even-Zohar, 1990) descreve as características intersistémicas da literatura e abre a porta a uma heterogeneidade de interferências culturais, tal como as que acontecem entre diferentes sistemas literários: o da literatura canonizada, o da não-canonizada, o da traduzida, o da infantil, entre outros. Esta dinâmica do polissistema resulta do facto dos fenómenos sociais, culturais e ideológicos, outrora afastados das perspectivas tradicionais da literatura, serem considerados vertentes fundamentais para uma nova conceptualização do fenómeno literário, certamente imbuída de traços heterogêneos que reflectem muito frequentemente tomadas de posição como a descrita por Rakefet Sheffy<sup>1</sup>:

[...] ordinarily, contemporary book publishers and editors of periodicals exercise norms of selection which tend to reflect (and, indeed, to create) "literary fashions", that is, their choices of inclusion and exclusion directly reflect preferences in the field of actual literary production. (1990: 517)

A interferência entre os diferentes sistemas literários é inevitável e a literatura portuguesa traduzida corrobora a imagem forte de vários autores pertencentes ao cânone literário português (veja-se o exemplo de Fernando Pessoa, José Saramago), embora não o faça de modo inequívoco nem determinístico. Para essa função, temos de contar com o trabalho de vários agentes promocionais (editores, livreiros, críticos, jornais) e com o valor histórico-literário e cultural de cada autor e de cada obra, tanto para a literatura portuguesa como em relação à tradição literária dos diferentes países, neste caso a França e o Reino Unido. Não nos parece haver possibilidade de dissociar estes factores, nem conceber o cânone como um elemento autotélico (autopoiético), gerador do seu próprio núcleo e da sua periferia. Esta perspectiva essencialista é afastada por Douwe Fokkema ao rever a questão sob um ponto de vista pragmático e funcionalista:

Canonization is a process of selection, either by persons or by institutions on philosophical and/or institutional grounds. The result of this process is admission into or moving to another place in the hierarchy. (1993)

Por outro lado, a circulação internacional da literatura, nomeadamente através da literatura traduzida, depende igualmente de parâmetros de política editorial e de consumismo que modelizam, de modo arbitrário, os critérios de selecção dos textos literários. Um dos factores mais influentes são as designadas agências internacionais de representações editoriais que operam junto dos editores e livreiros de vários países e lhes vendem "pacotes" de autores e de obras com uma determinada cotação no mercado internacional, cotação essa que varia con-

>>

forme o número de exemplares vendidos, os prémios obtidos, as traduções efectuadas e, *last but not least*, a receptividade dos críticos literários, embora este último factor implique uma "concepção da literatura" assente em juízos de valor alegadamente arbitrários, na opinião de van Rees:

The allegedly literary grounds on which a group of critics claims to do justice to a work as a piece of literature are merely the result of their arbitrary decision to call "genuinely literary" certain normative tenets they derive from their own conception of literature (1987: 286)

202>203

Até que ponto uma dada selecção de autores recenseados nas revistas estrangeiras citadas influencia o cânone nacional ou internacional da literatura portuguesa? E será que essa interferência intersistémica implica a perda de traços identitários ou promove a fusão e o aparecimento de novos outros?

É interessante verificar algumas das estratégias discursivas que estabelecem a ponte intercultural entre o cânone literário português e os cânones estrangeiros, na imprensa estrangeira seleccionada. No caso da crítica inglesa podemos ler, por exemplo:

Like his elder contemporary Henry James, Eça de Queirós belongs to the small and distinguished group of 19th-century novelists who wrote in exile"; "As a follower of French realism and naturalism (...)"; "Food and drink and their lip-smacking satisfactions are as essential to Eça's novels as they are to Rabelais and Dickens (...). (*LRB*, 9/2/95:21/2)

In the light of both of these books, Zola's often-quoted remark that Eça was "greater than my own dear master Flaubert" seems a plausible estimate. (*TLS*, 17/10/97: 25)

Esta necessidade de reflexão sobre o espaço de inscrição do Outro impõe-se de igual modo, em diversas alturas, nos periódicos franceses:

L'important, pour Ferreira, c'est la réflexion sur l'homme, sur la vie et sur la mort. Ses maîtres sont Malraux et Dostoievsky; ses auteurs de prédilection, sur lesquels il a publié de nombreuses études: Sartre et Camus. (sobre Vergílio Ferreira, in *Mag. Littéraire*, n° 292, 1991, p. 91)

Dans *Un Faucon au Poing* une étrange beauté, dont seraient également tissés les oeuvres de Fernando Pessoa et Emily Dickinson, recrée le mystère des êtres et des choses. (sobre Maria Gabriela Llansol, in *Quinz. Littéraire*, n° 634, 01/11/1993)

A aproximação intersistémica realiza-se através desta apropriação da alteridade dum autor e da sua obra (Eça de Queirós, Vergílio Ferreira ou Maria Gabriela Llansol), recorrendo a um horizonte cultural e de leitura que seja acessível aos públicos-leitores dos jornais e lhes permita uma percepção válida e funcional dos valores literários em jogo na obra dos escritores portugueses. Não quero com isto significar que este tipo de argumentos, amplamente aplicados em recensões literárias, não faça parte dos "protocolos de leitura" (Robert Scholes) instituídos entre os críticos; contudo, eles abrem novas estratégias interpretativas e campos de influências, apontam novas convenções e valores que reflectem um paradigma intersubjectivo da leitura. A própria noção de sistema literário português expande-se, flexibiliza-se e actualiza-se perante o espaço de referências com as quais os críticos estrangeiros a cruzam, enriquecendo o cânone literário português e conferindo-lhe novas perspectivas de afirmação a nível internacional.

Noutros momentos, será a recepção da literatura portuguesa traduzida para Inglês a causa dum reconhecimento duma nova identidade: a do Outro, diferente e distante que, afinal, pode partilhar algo de novo connosco!

After all, the continuity and diversity of Portugal's literary culture was, as indeed it still is, barely acknowledged among us (...) (*TLS*, 17/10/97:25)

>>

And yet he is [Lobo Antunes] a real original. No one else writes quite like him.  
(*TLS*, 17/10/97:28)

It's a reflection of our cultural insularity (...). When H. Bloom listed him [Fernando Pessoa] among the 26 authors who comprise, for him, the fabled Western canon (...).  
(sobre Fernando Pessoa, *LRB*, 17/7/1997: 7)

204 > 205

Este conjunto de parâmetros de análise discursiva leva-me a considerar a recepção da literatura portuguesa, sua interpretação e avaliação, uma estratégia de reinscrição do cânone literário português num espaço internacional, com vista à formação de um cânone internacional com valores literários e culturais de referência que estão dependentes da interferência e/ou intersecção, mais ou menos profunda, de dois ou mais sistemas literários. Este processo de canonização, de acordo com Frank Kermode (1988) e Douwe Fokkema (1991e 1993) deverá reflectir tanto o passado como o presente, de maneira a que a interpretação e a avaliação literárias produzam novos valores literários sem que os cânones em causa percam a estabilidade. Tal torna-se vital para a manutenção da identidade duma cultura, pois o cânone confere-lhe traços normativos, mnemónicos, pragmáticos e selectivos que permitem compreender a evolução da respectiva história literária.

É óbvio, de igual modo, que a tradição histórico-literária europeia tem vindo a construir, ao longo dos séculos, e mais constantemente desde o Romantismo, afinidades interculturais que se prolongam em matrizes comuns que enformam os vários cânones literários europeus, sem que tal coloque em questão a identidade de cada um deles. Por outro lado, há seguramente a marginalização de alguns factores a favor de outros, um reajustamento constante ao longo do tempo das obras nucleares de um cânone com vista à adopção de novos valores culturais que façam face à evolução da realidade social de cada cultura<sup>2</sup>. Essa procura de uma nova "gramática cultural", nos termos de Altieri (1990), que estructure a identidade de um

povo e vá ao (des)encontro das expectativas dos leitores, coloca muitas vezes em questão factores de identidade cultural na recepção, como se deprende das seguintes afirmações:

His [Eça de Queirós] early novels *The Sin of Father Amaro* and *Cousin Bazilio* were both sexually scandalous books which, had they been translated, must have fallen foul of the obscenity laws. (...) Eça's later novels enact a spiritual return to the homeland, which now seems very different (...). (*LRB*, 9/2/98:21)

The novel [*The Stone Raft* of Saramago] appeared in the year in which Portugal and Spain joined the European Union, and it can best read (especially in the U.K.) as an appropriately inconclusive meditation on what makes nations. (*TLS*, 23/12/94:20)

>>

De qualquer modo, a inclusão duma obra literária no cânone depende em muito, é preciso reconhecê-lo, das recensões e da recorrência de citações das obras na imprensa da especialidade e ao longo da história da instituição literária. Por outro lado, quando o cânone passa a ser orientado em função da contextualização dos textos literários e das bases de leitura tidas como fundamentais para a sua interpretação, a sua construção também é sustentada pela dialéctica tradição/inação (Guillory, 1990).

Para os periódicos estrangeiros analisados, e para um período temporal que varia entre cinco a sete anos conforme o periódico, verifica-se a presença recorrente de três autores canonizados nos quatro jornais/revistas – Pessoa, Eça e Saramago – para depois ficarmos com uma a duas recensões para os restantes autores. O caso dos dois periódicos ingleses é significativo do alheamento da crítica em relação à literatura portuguesa, pois além dos três autores citados ficam-se por uma recensão a Camões, uma a António Lobo Antunes e outra a Mário de Carvalho. Neste âmbito anglo-saxão, distingue-se o crítico Jonathan Keates com 3 recensões, uma a cada um dos três autores mais canonizados, certamente na tentativa de lhe ver reconhecida a legitimidade e a autoridade do seu discurso

crítico enquanto leitor dos três maiores nomes em literatura portuguesa, na senda igualmente da afirmação de um poder simbólico no campo da literatura e da própria instituição literária inglesa e internacional. Os outros críticos são, nalguns casos, também tradutores de escritores portugueses.

Em França, o panorama já é um pouco mais positivo, mais não seja pela maior quantidade de títulos, como também pela maior diversidade de escritores recenseados. Podemos verificar que Vergílio Ferreira, Herberto Helder, Maria Gabriela Llansol, Miguel Torga e Jorge de Sena tiveram duas recensões e todos os outros, excepto Fernando Pessoa, Eça de Queirós e José Saramago, não passaram de uma cada um. Outra questão é a função desempenhada por alguns críticos como Jacques Fressard (sete recensões), Alain Bosquet (quatro), Jacobo Machauer (três) e Michel Cardoze (duas) que monopolizam o espaço de inscrição dos periódicos franceses com vários artigos dedicados a diferentes autores. Esta estratégia da palavra recorrente, e de partilha iterativa dos valores e referências culturais e literárias desses críticos com os leitores das revistas, constitui-se como um processo legitimador duma visão “marcada” da identidade cultural, a qual pode tornar-se redutora e homogeneizante daquilo que, à partida, — autores e obra estrangeiras — é apresentado como heterogéneo.

Existe, na imprensa francesa mencionada, outros momentos em que os paralelismos e as comparações estabelecidas entre autores/obras portuguesas e outros pertencentes a culturas diferentes operam, sobretudo, por contraste/distinção aos olhos ora do crítico que a eles recorre, ora do público-leitor:

(...) qui ne cesse de prendre une place de plus en plus grande: l'une des premières de ce siècle, à l'égal d'un Kafka, d'un Thomas Mann ou d'un Valéry. (sobre *Fausto* de Fernando Pessoa, *Mag. Littéraire*, n° 277, 1990 :76)

Il faut remonter à Léon Bloy où évoquer certaines proclamations du Surréalisme, pour retrouver pareille violence verbale. (sobre Álvaro de Campos e “Portugal Futurista”, *Quinz. Littéraire*, n°586, 1/10/91)

O recurso constante à citação de autores e movimentos das literaturas francesa, inglesa e europeia em geral, nos quatro periódicos, aponta para a construção dum percurso identitário intersubjectivo para os leitores estrangeiros, em que o acto de leitura das obras portuguesas traduzidas pode abrir caminho a novas configurações dos cânones literários em jogo e, provavelmente, a novas bases de identidade cultural e literária dos leitores envolvidos.

Num momento em que nos preparamos para discutir e referendar uma constituição europeia, para lá do Tratado de Bolonha já instituído, talvez fosse um exercício interessante para os comparatistas analisar, descrever e instituir, a nível europeu, um cânone literário que funcionasse como referência para as academias. Com certeza que nele seriam incluídos alguns dos autores portugueses aqui mencionados, mais não seja porque, como diria um crítico inglês:

A canon that includes Pessoa seems infinitely less claustrophobic and bossy. (*LRB*, 17/7/97:8) <<

>>

---

## NOTAS

\* Este estudo foi elaborado no âmbito do projecto "Literatura e Identidades", do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação (POCTI), do Quadro de Apoio III.

[1] Pense-se, ao ler esta afirmação, na polémica gerada em torno da antologia de poesia comemorativa de Coimbra – Capital da Cultura 2003.

[2] Recorde-se o que se passou com os *curricula* escolares de Língua Portuguesa no ante e no pós-25 de Abril, em que os autores e textos variaram substancialmente, em especial no COMO ler esses textos (cf. *Vértice*, nº 65, Março-Abril, 1995, pp. 71 a 79).

---

## BIBLIOGRAFIA ∨

Altiery, Charles (1990), *Canons and consequences: reflections on the ethical force of imaginative ideals*, Illinois, Northwestern University Press.

Bourdieu, Pierre (1992), *Les Règles de l'Art. Genèse et Structure du Champ Littéraire*. Paris, Ed. Seuil, Coll. Libre Examen.

Even-Zohar, Itamar (1990), "Polysystem Theory", *Poetics Today*. Vol.11. n<sup>o</sup>1 (Spring): 9-96.

Fokkema, Douwe (1991), "Changing the Canon: a Systems Theoretical Approach", Elrud Ibsch *et alii* (eds.), *Empirical Studies of Literature: Proceedings of the Second I.G.E.L. – Conference, Amsterdam 1989*, Amsterdam-Atlanta, Rodopi, pp. 363-369.

2087209

Fokkema, Douwe (1993), "A European canon of literature?", *European Review*, vol. 1, n<sup>o</sup> 1, pp. 21-29.

Guillory, John (1990), "Canon" in Lentricchia, Frank *et alii*, *Critical Terms for Literary Study*, Chicago & London, University Chicago Press, pp. 233-249.

Kermode, Frank (1988), "Canons", *Dutch Quarterly Review*, 18: 258-270.

Sheffy, Rakefet (1990), "The concept of canonicity in Polysystem Theory", *Poetics Today*, 11:3 (Fall), pp.511-522.

van Rees, C. J. (1983), "How a literary work becomes a masterpiece: on the threefold selection practised by literary criticism", *Poetics* 12, North-Holland, pp. 397-417.